

## **ELISA MARIA GROSSI MANFREDINI**

**Elisa Maria Grossi Manfredini nasceu em 1963, em São Paulo. Frequentou escolas públicas municipais e estaduais, e se formou professora na Caetano de Campos, em 1981. Graduada em Pedagogia pela PUC, atuou como professora em Escolas Municipais de Educação Infantil - EMEIs e em escola Normal. Foi Assistente Técnico-Pedagógico na Secretaria Municipal de Educação, entre 1989 e 1992, retomando essa atividade a partir de 2001.**

### **Identificação do depoente**

Meu nome é Elisa Maria Grossi Manfredini, nasci no dia 6 de outubro de 1963, no bairro de Pinheiros, em São Paulo.

### **Infância do depoente**

Eu passei minha infância em Pinheiros. Morava na rua Henrique Schaumann, uma rua curta, com paralelepípedos, estreita, com muito trânsito, muito fluxo de carros, mas era uma rua com casas, só casas antigas, onde todo mundo tinha sua varandinha e seu quintal. Era uma ladeira que começava lá na Rebouças e terminava na Igreja do Calvário. Era um lugar completamente diferente do que tem hoje. Essa é minha lembrança mais forte.

Eu brincava na rua. Embora fosse uma rua muito movimentada, a gente brincava na calçada, a gente jogava bola, brincava de pique-esconde, ou nos quintais. Me lembro direitinho da casa de uma vizinha. Tinha um quintal ótimo, cheio de árvores, e ela tinha no quintal uma sala, um quarto de brinquedos que era nossa festa. Brincava, andava de bicicleta, o quintal tinha amora. Eu vivia suja de tinta de amora. Depois, eu saí de lá e fui para mais perto do Alto de Pinheiros. Ali eu brincava na rua mesmo, a gente brincava de vôlei, pega-pega, esconde-esconde, mãe-da-rua e tudo o mais, não passava quase carro. Uma rua estreita, curta, morei lá até me casar.

### **Formação Pré-Escola**

A minha primeira lembrança da pré-escola é o cheiro de massinha, é muito forte isso. Eu pequena, numa escola bem pequena, bem de bairro, numa sala de aula que era um quarto, o dia chuvoso e o cheiro de massinha. A minha lembrança é bem vaga. Eu tinha uns cinco anos. Eu lembro de chegar e brincar no quintal, de ter à disposição, assim, muitas coisas para pintar, para mexer, massinha, de guache, pintura.

### **Pré-escola: organização, currículos e metodos**

Depois eu fui, na pré-escola, para a Escolinha da Mônica, que era uma escola de vanguarda na época. Uma escola diferente, uma escola montessoriana. Tinha uma sala com uma casa em miniatura, então tinha fogão, geladeira, mesa, cadeira, era uma casinha, completíssima, com os utensílios da casa, tudo de madeira, do tamanho das crianças. Eu abria o armário, tinha panelinha, tinha copo, tinha talher, tinha tudo para a gente brincar de casinha, isso me fascinava. E muitos jogos, eu lembro que tinha uma prateleira assim, de armar, de montar, de juntar, quebra-cabeça, empilhar torre, à disposição da gente. Depois, eu lembro de uma coisa que eu adorava nessa escola, tinha

uma piscina, que era uma coisa completamente inovadora. Eu até tenho uma marca aqui na testa, de eu estar mergulhando, um menino sentou na minha cabeça e eu rachei aqui no azulejo.

Nós escolhíamos a atividade do dia. Então, eu ia numa caixa e olhava o que eu tinha à disposição para eu fazer e eu escolhia. Eu me alfabetizei aí com seis anos.

### **Pré-escola: relação professor/aluno**

Outra coisa que eu lembro muito é que as donas dessa escola eram pessoas muito legais, muito abertas. Não existia essa coisa de a diretora, eu descia da sala de aula e sentava no colo da diretora, para conversar com ela. Todos estavam no mesmo espaço, com as relações muito iguais assim. Acho que não distinguia bem quem era diretora e quem era professora, não tinha essa visão de que o diretor está acima do professor, que tem a coordenadora, isso não existia. Eram as pessoas que davam aula naquela escola e que eu me reportava a qualquer momento. E tinha muito forte, com certeza, a Escolinha da Mônica um grande espontaneísmo. A educação tem que rolar, as crianças têm que aprender, então não havia uma sistemática, não me lembro de chegar na escola e ir para a sala de aula.

### **Ritos e comemorações na Escola**

E lembro de festas em que ela tocava sanfona, ela tocava super bem sanfona, essa diretora. E as festas eram completamente diferentes das escolas tradicionais. Na Festa Junina, iam as famílias, a gente ficava brincando de roda, de pula-sela, amarelinha, não tinha aquela coisa tradicional das barraquinhas, de um monte de gente. Era uma coisa bem caseira, bem íntima, aconchegante.

### **Formação: Escola Primária**

Fiz a pré-escola numa escola elitizada, uma escola alternativa e cara, e estava completamente fora dos padrões da minha família, e eles tinham muito medo de chegar uma hora e não ter mais como pagar. Então, a decisão foi que eu fosse para o Fernão Dias e foi um choque para mim.

### **Escola Primária: relação professor aluno**

Você está numa pré-escola dita alternativa, onde eu circulava pela escola, vou para uma escola eminentemente tradicional, onde as funções estão muito bem definidas numa hierarquia. Eu nunca vou esquecer que eu tomei um apagador na cabeça da professora porque eu era impossível, não parava de falar, eu já era alfabetizada. Eu tinha muito medo dela, aquilo para mim era um mundo que não tinha nada a ver, nada, com aquilo que eu tinha entrado. Eu demorei um ano para me adequar a esse mundo, entender como é que aquilo funcionava. Nem sei se eu me adequuei; antes eu podia e tinha acesso às pessoas. E de repente isto era muito diferente, muito claro no Fernão Dias: toca-se o sinal, entra, não entra atrasado. Eu lembro que eu sonhava que era um horror chegar na escola sem meia. Tinha medo de ficar de castigo na diretoria, no mínimo de voltar para casa. Como eu morava longe, aquilo para mim era um drama: como é que eu vou voltar para casa se eu estiver sem meias brancas?

### **Escola Primária: organização, currículos e métodos**

Mas o Fernão era uma escola super tradicional, que também teve seu apogeu de escola pública de qualidade. Eu peguei também o finzinho, acho que isso é uma saga minha, pegar a decadência. Ainda tinha ótimos professores de solfejo, coisas assim, que eu ouvia falar como uma coisa folclórica: "Olha, nessa escola os alunos não cantam, eles

solfejam”. Existia um coral naquela escola, que era uma escola do bairro, tradicional e consistente. Não havia materiais. A professora contava com o giz e a língua dela. Havia livros didáticos

Não havia aula de Religião. Lembro que o forte eram as aulas de Música. Mas tinha muito forte a música lá dentro, isso eu me lembro. Nós íamos para uma sala com instrumentos lindos, que ninguém podia chegar perto, e ficavam ensinando notas musicais, mas eu não lembro da concretização disso, não lembro de participar de um coral, ou de uma apresentação, nada. Isso deu em nada, assim. Ia lá para aprender as notas.

### **Hora do Recreio**

Era um pátio muito aberto, sem... com um pouco de verde, uma cantina, e as crianças ficavam correndo e brincando.

### **Saúde na Escola**

O que eu me lembro é do dentista dessa escola. O dentista, é mesmo! Aquela coisa que a gente vê em museu de Odontologia. Aquela cadeira antiqüíssima, aqueles boticões, ele me arrancou um monte de dentes, por sinal. Me lembro da dor que eu sentia e daquele lugar horrível, caindo aos pedaços. Era um dentista bravo, sisudo e aquele monte de criancinhas fora, com dor de dente, com cara de que ia entrar e o moço ia comer a gente, mas era um lugar muito antigo.

### **Formação: Ginásio**

Como eu peguei a decadência dessa escola, o Fernão Dias, eu acho que a minha mãe ainda buscava uma escola de qualidade para mim, existia isso muito forte na minha casa, vai estudar no melhor lugar possível. Já que não podíamos pagar, então vai no melhor. E essa escola da prefeitura era uma escola de vanguarda, também, chamava-se Olavo Pezzotti. E eu tinha um tio que era Supervisor da prefeitura e que tinha uma relação forte com essa escola, gostava da diretora, tudo, e indicou e aí eu fui para lá. Tanto que eu entrei lá também pela porta da frente. Era uma escola que segurava as matrículas, não era qualquer um que entrava. Era pequena para os moldes públicos, era a metade do Fernão Dias. E lá eu vou ter outro tipo de formação, eu saio um pouco da formação tradicional, volto para uma formação um pouco mais alternativa.

### **Ginásio: organização, currículos e métodos**

Era uma escola que tinha projetos, era uma escola diferente. Tínhamos atividades manuais, tinha marcenaria, mas não chegava a ser profissionalizante porque não recebia diploma. Mas era uma escola que tinha um jeito diferente.

Eu tinha um ateliê de música muito legal, que aí tinha um produto. Eu lembro de participar de um coral, aprender músicas diferentes, ter um domínio maior da linguagem musical. Eu lembro de uma sala que a gente tinha marcenaria, onde a gente aprendia um monte de técnicas diferentes. Então aprendia a se fazer um trabalho com sisal, depois tinha um trabalho com madeira e com xilogravura. E eu sempre era péssima, um horror. Mas eu lembro, nessa escola tinha Português, Matemática. Da professora de Português eu gostava muito. Usava um livro que na época era o máximo, que chamava Criatividade, era um livro com páginas em branco onde só vinha em cima uma proposta de trabalho. Esse livro era o auge, e eu achei o máximo. Sempre adorei Português, se produzia muita história, se lia muito. Tinha teatro, a gente apresentava peças, isso era muito legal.

### **Leituras**

Comecei a ler aquele Mundo da Criança, aqueles livros vermelhos foram a minha primeira leitura. Li e reli aqueles livros acho que umas quinhentas vezes. A galinha ruiva, você até decora, O polegarzinho, depois entraram uns livros em casa, que vendiam de porta em porta. Que é um livro que tem O chapeuzinho vermelho, A Branca de Neve, são lindos, a ilustração são fotos de bonecos numa ação. O texto é super pobre, hoje olhando... mas é lindo. A capa você abria, tinha como uma terceira dimensão, mexia, lindo, lindo. Aquilo entrou muito na minha vida. Daí veio Monteiro Lobato, eu lia muito. Tinha a coleção inteira em casa, e a minha mãe dizia: "Isso é ótimo, isso é ótimo, leia". Eu sempre adorei ler. Eu lembro que eu fui começar a ler porque tirava da prateleira. Depois veio Machado de Assis, que tinha coleção em casa, e Jorge Amado. No Ginásio, tive que ler A Vaca Voadora e os livros daquela coleção. Mas da escola mesmo eu me lembro de pouquíssimo, não lembro de uma leitura prazerosa escolar.

No Normal a gente lia reportagens sobre assuntos de Educação. Eu lembro que tinha uma revista que se chamava Psicologia Atual, que era muito legal, uma revista para educadores. Muitas meninas compravam, na sala, e a gente discutia os assuntos, questionava muito.

#### **Ginásio: relação professor/aluno**

Tive duas professoras que me marcaram. Uma baixinha, de Português, ótima, criativa, inquieta, como eu era. Eu perguntava muito, eu era muito curiosa, falava demais, então eram poucos professores que tinham paciência comigo, e ela tinha, ela dava conta. Ela me seduzia muito. Eu lembro uma vez que ela fez um projeto de horta com a gente que eu não entendia bem onde ela ia chegar, mas ela chegou e até me vem agora o gosto da salada de rabanete que nós fizemos com a bendita horta. E era muito legal, ela e uma professora de Inglês, que era muito boa também. Uma pessoa que inovava, fazia coisas diferentes. Eu nunca gostei de quem é certinho, quadrado, aquelas pessoas logo me entediavam. Essas eram bem legais.

#### **Formação: Colegial**

Foi uma baita ruptura. Eu deixei de freqüentar as escolas de bairro para cair no mundo do funil do vestibular. Foi outra ruptura imensa na minha vida, porque aí a idéia é assim: ela precisa passar no vestibular, e já estava no auge da decadência do ensino público, e que já não tinha mais rebarbas dessas que eu tinha pego até então, de escolas que conservavam a sua qualidade de ensino, eu já não tinha mais. Então, vamos fazer uma força-tarefa em casa, vamos pagar uma escola particular. E eu ainda fui fuçar qual era a que eu podia pagar e que era boa. Uma era barata mas uma porcaria, a outra é cara mas é boa, aquela coisa. Bom, fui para o Colégio Rio Branco, que tinha um preço razoável, e aí eu caí num mundo que não tinha nada a ver. Um mundo de pessoas com um padrão de vida completamente diferente do meu, onde eu não entendia nada. A aula de Inglês, Física e Química para mim era Física Quântica, porque eu não entendia. Aquele povo estava fazendo Cultura Inglesa desde que nasceu, e eu, imagina! Inglês, eu gostava da professora, mas o que eu tinha de Inglês era medíocre perto daquelas pessoas. Eu lembro que Inglês era uma coisa horrível e aqueles professores antigos, velhos, que ficavam falando, falando, falando, sentados numa mesa. E eles não mexiam nem o olhar, eles davam aula para um horizonte longínquo, assim. Aquele primeiro ano eu fui muito mal, eu peguei nove dependências. Estudei que nem uma louca, passei, e no segundo ano comecei a ver que aquilo não era minha praia. E que eu não ia ficar naquele lugar, que aquilo eu não ia chegar em lugar nenhum. Eu tinha muita preocupação de me sustentar, de pagar minha faculdade. Falei: "Quer saber? Vou ser professora".

### **Escolha Profissional**

A minha família era de professores. Minha mãe, minha irmã mais velha já era professora. Isso é muito forte em casa. Desde que eu nasci eu me lembro de ouvir de escola, classe, aluno, isso é usual na minha família. Falei: "Vamos lá, que isso há de dar certo". E aí eu fui atrás de onde era possível estudar, e a Caetano de Campos era uma coisa concreta, ela existia, tinha o curso, uma das poucas que ainda tinham o curso, e aí a diretora era muito amiga de uma amiga da minha irmã. Eu decidi isso na metade do segundo ano. E ela falou: "Eu te arranjo a vaga". E eu entrei, tendo que fazer dependências, recuperações, para suprir um ano e meio que eu não tinha feito lá.

### **Formação: Escola Normal**

A Caetano de Campos já estava no prédio novo, na Aclimação. Um projeto arquitetônico muito, muito ousado, muito ousado, imponente, mas que já dava sinais de que aquilo não estava dando certo. Tinha as poças, tinha as rachaduras. E uma escola que dentro da sala de aula resguardava todo o tradicionalismo, sabe família quatrocentona que perde a grana mas não perde a pompa? Engraçado isso, as pessoas tinham perdido seu glamour, porque aquele prédio novo da Caetano não trazia nele o glamour da Caetano da República. Então, os professores se consideravam especiais, eles nunca eram professores da rede estadual, eles eram professores da Caetano de Campos. Isso era um diferencial e eles não se viam jamais como professores da rede comum: "Nós somos diferentes". Havia esse glamour, e a gente assistia à decadência, isso que era muito gritante.

### **Curso Normal: organização, currículos e métodos**

Não havia um projeto de curso Normal; quem fazia o curso eram os professores e suas visões de mundo em particular. Não havia uma intenção, não havia sintonia nem uma articulação entre elas. Havia uma disputa imensa, ciúme entre uma e outra. Então, se tinha, na grade, Biologia aplicada à Educação é porque tinha uma professora ótima, então a gente tinha que continuar com a Dona Judite lá, mas não que os outros professores acreditassem que eu tinha que ter uma visão do funcionamento do organismo para entender o que é a criança. Então, era feito de pessoas, não de projetos.

No Normal da Caetano não se ensinava nada de muito diferente de como é hoje. Eles tinham uma grade comum para o Segundo Grau, e as matérias específicas: Didática, Psicologia, Estrutura e Funcionamento. Em Biologia aplicada à Educação, o que se dava era conhecer o corpo, o seu funcionamento, achando que com isso eu vou entender melhor como o aluno pensa e por que que o aluno reage. E aí, por trás, tem aquela visão de que a Educação veio para compensar as carências nutricionais: "criança que ficou subnutrida é fadada ao fracasso". Isso vinha muito forte com aquela visão de educação que eu preciso ter, aquela coisa quadradinha, duas mil calorias diárias, cálcio, fósforo. Se você não tem fósforo, você não vai prestar atenção, vai ter a atenção prejudicada. Sempre fazendo uma relação de causa e efeito, desconsiderando totalmente o meio em que essa criança vive.

Em Psicologia, nós vimos Behaviorismo, mas já como uma coisa decadente. Vimos Rogers. Tive uma professora, Marli, que é professora da São Marcos até hoje. E ela dava simplesmente quatro matérias, quatro ou cinco. A metade do curso era Marli. Ela entrava na sala, eu nunca sabia bem que matéria ela estava dando, mesmo porque ela repetia exaustivamente, ela ditava as coisas. Na relação pessoal ela é uma pessoa muito legal, tanto que ela rompia a arrogância usual dos professores, porque ela é da ala mais jovem da Caetano. Por outro lado, ela era um diferencial porque ela era uma professora que

não era uma pessoa comum da rede, não. Ela tinha uma base, ela dava aula na universidade, à noite ela fazia Direito. Uma pessoa muito inteligente, mas do ponto de vista didático ela era muito tradicional. Então, ela vinha e ela dava quatro matérias, ela entrava na sala de aula e ficava ditando. Eu tenho dificuldades de separar, porque parecia um bloco só, Psicologia e Didática.

Na alfabetização, o método era silábico. Se defendia a visão mais tradicional da alfabetização, não se questionava muito o Caminho Suave, por exemplo. Tinha umas pinceladas de modernidade trazendo o trabalho, um estímulo com as diferentes linguagens. Discriminação auditiva, visual, tátil, trabalhando em cima do desenvolvimento das percepções dos cinco sentidos

O estágio era na própria Caetano, sempre lá dentro. Funcionava, que a gente ficava no fundo da sala de aula assistindo o que a professora dava, e vez ou outra ela dava para a gente uma brecha, e a gente tinha que marcar com a professora aulas para dar. A professora orientadora de estágio ia com as outras alunas assistir. As nossas aulas no estágio eram avaliadas. Tinha uma ficha onde havia alguns itens a serem avaliados. Desde a forma como a gente cumprimentava os alunos, “Bom dia, queridos”, a forma como estava vestida, se o jaleco estava limpo e bem passado, como é que as crianças reagiam frente à proposta, a disciplina, se a gente controlava a disciplina ou não. Tinha o mesmo peso a forma como entrava, o conteúdo, a apresentação da professora e essas formalidades. Se ela falou, teve muitos erros de português, se ela teve vícios de linguagem, essas coisas.

### **Ensinar na Pré-Escola**

Meu primeiro emprego foi numa escola armênia. Eu fui para uma escola de armênios, uma cultura completamente diferente da minha. Aquelas crianças sabiam falar armênio e português, eram classes bem pequenas, que eu também achava um tédio, quatro ou cinco alunos. O tempo passava rápido demais ou, ao contrário, demorava muito para passar. Com poucas crianças, toda atividade era muito rápida. Eu dava aula numa sala que tinha um eco horrível, que tinha uma parede de azulejo, devia ter sido uma cozinha antes, incomodava, mas o que mais me incomodava era aquela coisa pequenininha, muito doméstica, uma escola muito acanhada. Na verdade, era um lugar aberto para a colônia pobre armênia, cujas mães precisavam trabalhar e elas tinham que deixar as crianças em algum lugar.

Eu cansei desse mundinho, soube que ia abrir inscrição para professora substituta no município, me inscrevi e fui trabalhar.

Chegar na escola pública foi outro choque na minha vida, porque eu passei de uma escola de cinco crianças por classe para uma de 60. Uma loucura, uma loucura, uma loucura. Coisa de louco, a gente não dava conta, é um rebanho que o que você faz é tomar conta e propiciar mudança de espaço. “Olha o espaço fora, olha o espaço dentro”. Peguei classes imensas, de crianças pequenas, tudo era muito sacrificado, então quando eu começava a distribuir o material da atividade para o último, o primeiro já tinha acabado fazia muito tempo, e a gente com todo o sonho de fazer uma coisa diferente.

Eu não desistia, procurava caminhos. Poucos anos depois, as classes diminuem para no máximo 40 alunos, o que já é uma loucura, mas, com a experiência, já sei lidar muito bem, o número não é mais o problema. E a gente tem que se porque se o medo, que é

muito grande, te segura, você não faz nada. Não podia ficar reclamando o ano inteiro que tinha 60 alunos, e eles saírem da escola exatamente como entraram. Até hoje tem o discurso do "eu resisto, não quero, é um absurdo", e efetivamente não faz nada, o cara sai do jeito que entra. Eu comecei a adaptar e a buscar coisas alternativas, alternativas teóricas. Descobri Piaget, Vygotski, isso foi muito importante para mim, lidar com as individualidades dentro do todo. Cada criança é uma, não esperar que todos desenvolvam ao mesmo tempo e do mesmo jeito, isso diminui a ansiedade pra burro. Ter clareza que ponto que esse está, e se ele andou em relação a esse ponto que ele estava. Isto é um ótimo parâmetro de que eu estou indo no caminho certo. Agora, se eu pensar que todos devem estar no mesmo ponto que ele, isso me dava uma frustração imensa, então mudou demais ver o aluno dentro das suas possibilidades, do seu processo de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, ter como parâmetro todos juntos, percebendo o todo daquela classe, o quanto a gente caminhou ou não, mas olhando as partes. E com o tempo eu fui aprendendo a organizar a rotina de forma a atender às crianças, cada hora atender a algumas crianças individualmente, parar com a expectativa de que vai atender a todos o tempo todo.

Outra coisa que foi muito legal foi trabalhar com a autonomia. Olhar a criança como um ser capaz de ser autônomo, ensiná-la a ser autônoma, criar situações intencionais onde as crianças sejam responsáveis por elas mesmas. Isso foi uma coisa muito forte nos meus últimos anos de docência. Eu sempre dizia para as crianças: "Crianças, não precisam de um cão de guarda, eu não sou uma pessoa que vim aqui para brigar o tempo todo, para dizer o que é que tem que fazer". Então, em coisas pequenas, eu comecei a trabalhar com as crianças a consciência corporal, a intenção dos atos. Então, coisas do tipo: "Eu bati no fulano, foi sem querer", dizia assim: "Não foi sem querer, porque a sua mão não foi sozinha na orelha do outro, porque teve uma cabeça que mandou uma ação para o seu braço, que enfiou a mão na orelha do outro". Então, nada é sem querer, só que a criança não tem consciência disso, de que seu ato detona uma intenção que é dele. Então aí eu fui trabalhando com as crianças de que elas são responsáveis, parar com essa hipocrisia, tudo põe a culpa no outro. Por que ele não é responsável pelos atos dele, é sempre um outro que diz? E aí, cortando algumas lógicas próprias, discutindo com meus colegas, execrar o dedo-duro, ele é tão culpado quanto aquele que fez. Enquanto eu tiver alguém que diga para mim o que eu faço, o que eu deixo de fazer, eu não vou ser responsável pelas coisas. Então, eu fui trabalhando isso e fui ganhando conforme eu fui percebendo que isso dá certo, que as crianças aprendem. Fica muito mais fácil o fluxo e, tendo uma rotina, as crianças ficam mais independentes da gente. Então ele sabe a que horas ele tem que pegar o caderno, ele sabe onde que ele vai devolver as coisas, ele sabe o que é que ele faz. "Agora você pode almoçar e escovar os dentes, não precisa eu estar lá para você almoçar e escovar os dentes, né?". E isso mexeu com a escola porque a escola está muito habituada a ter rotinas onde tem um jeito de agir, tem que ter um adulto tutor o tempo todo, como se as crianças fossem incapazes. E eu briguei muito na escola por conta disso, mas foi muito bom.

A chegada das novas idéias sobre alfabetização também balançou bastante a escola. Para quem tinha aprendido no silábico, foi um baque. Fiquei incrédula, foi muito forte. Era 1985, no governo Mário Covas, Guiomar Namó de Mello como secretária, quando entra porta adentro nas escolas o chamado construtivismo. As pessoas ficaram reticentes. Mas o meu lado PUC dizia: "Não, a educação é uma ciência que evolui", então eu fui muito curiosa estudar. Comprei a Psicogênese da Língua Escrita, e fui ler e estudar o que era aquilo. E eu fiquei extremamente seduzida, porque o discurso dela é muito legal, só que eu ainda tinha dúvida em relação à prática: "Será que dá certo mesmo?" E comecei a

trabalhar, e coincidiu nessa época de eu ir para a coordenação da escola, e insisti muito, muito. Os professores ficaram muito seduzidos pelo discurso, pela filosofia, bases teóricas da Emília Ferrero. A desconfiança era da prática, porque era uma prática que dá muito mais trabalho, é uma prática que envolve uma observação mais aguçada, e as pessoas não estão acostumadas a observar. O professor de escola pública que lida com um bando, ele olha a classe, é difícil ele olhar o João da 3ª C. Ele vê a 3ª C, já está muito bom, ele distingue a 3ª C da 4ª D. Agora, querer que ele olhe o Joãozinho da 3ª C é demais. Então isso pegou fundo nos professores. Eles têm que olhar de forma mais detalhada para as crianças. Eu lembro que até bem pouco tempo atrás eu tinha colegas que não sabiam fazer a sondagem. A sondagem é o feijão com arroz da psicogênese, e quem tem dificuldade em olhar a sua criança e ver em que nível ela está em relação à linguagem, fica difícil. É pedir demais.

### **Formação Faculdade**

Nesse tempo fui fazer Pedagogia. No mesmo ano em que eu entro na Pedagogia eu entro na escola pública. Ah! eu vou para a PUC, tudo o que eu vou aprender na PUC é para ter uma visão crítica daquilo que eu tinha acabado de ter na Caetano, e tenho um laboratório que se chama escola pública. Primeiro começo a ver o mundo de uma forma mais crítica, porque a formação que a Caetano dá é uma formação de base boa, mas é uma formação que você vê o mundo pelo buraco da fechadura. Já na PUC me escancarou um mundo, me fazem olhar o mundo como ele é. Poder ter olhos para enxergar que esse mundo é assim, como é que eu posso fazer para mudar, cria inquietude, eu começo a balizar dentro da PUC assim: “Está bom, eu concordo com esse discurso, mas me ensina a fazer com uma classe com 60 crianças”, “Olha, isso é muito legal, mas como é que faz isso lá?”, criava uma inquietude. Não era uma coisa de resistência, eu não estava resistindo àquele discurso. Eu estava querendo aprender como é que se faz, como é que eu podia adaptar para o meu mundo, para minha vida na escola pública, essa era minha inquietação, não era de resistência, não.

A faculdade me deu toda a base de educação que eu tenho até hoje, me abre as portas, me dá fluidez para andar na educação e fazer a opção que eu tenho até hoje, por uma educação crítica que promova a cidadania, que seja para levar o indivíduo da condição que ele está para uma melhor.

### **Trabalhar como Assistente Técnico-Pedagógico**

A passagem da sala de aula para a gestão da Educação é difícil. Eu às vezes estou indo trabalhar, falo: “O que é que eu fiz da minha vida? Estava tão sossegada a minha sala de aula”. Hoje eu não vou mais como eu fui no governo da Luísa Erundina, com aquele sonho de vamos mudar o país. Eu já estou numa visão mais "reformista". Eu já caí na real que em quatro anos não dá para nada, mas eu fui com os mesmos valores da época que eu fui trabalhar na gestão da Luísa. De que nós temos uma baita responsabilidade, a qualidade social da educação é um princípio hoje até muito mais do que em 89, 92, de possibilidade de as pessoas serem incluídas. A responsabilidade social hoje está muito mais clara para mim.

### **Futuro da Educação**

Eu adoro dar aula, eu queria voltar a dar aula para futuros professores. Foi um trabalho que me deu o maior prazer nos últimos anos e que aí eu vi na prática que esse discurso dá certo. Quando a gente acredita nisso, isso dá resultado, esse cara vai ser um outro cara. E nos últimos cinco anos quando eu trabalhei com formação de professores isso foi muito bom, um curso Normal. Eu tinha meus modelos da Caetano, eu tinha meus



modelos, não abandonei, acho que a coisa de me sentir uma autoridade naquele pedaço, de construir e achar que uma relação não é entre iguais, eu não sou igual ao aluno, isso vem da Caetano. Não há conhecimento entre iguais, e foi muito bom. Eu acho que eu queria voltar num projeto de formação de educadores, mas para a área profissionalizante.

A escola tem um fim em si mesma, mas ela tem um fim social imenso. A escola serve para ampliar aquilo que o cara não vai conseguir na vida em sociedade e na família. Ela é complementar à ação da família e da sociedade, mas ela é diferente. Porque é um espaço onde você tem que ter a busca, você tem a possibilidade de trazer o conhecimento construído pela humanidade. É esse conhecimento a serviço da realidade, quer dizer, para eu entender esse mundo que está aí, para poder me inserir nele e transformá-lo, transformar a minha vida, eu preciso ter domínio das informações que a humanidade acumulou. E também para entender a mim mesmo, ter o auto-conhecimento, ter consciência das minhas ações, das minhas possibilidades, minhas dificuldades e em que mundo eu estou.

### **Formação de Professores**

Para atuar na escola com esse compromisso, o professor tem que ter autonomia intelectual e moral, isso eu não tenho dúvida. Não dá para trabalhar em cima de paradigmas, de verdades, até das nossas ondas de educação, dizer: “Olha, isto agora é uma verdade”. Se ele é um cara dependente intelectualmente e que vai no afã e na onda do que os outros colocam, cada vez numa determinada época, ele não muda nada nunca. Ele é um refém das políticas educacionais. Eu preciso dar instrumental para esse cara ser um autônomo intelectual e moral, saber o que ele pensa, para ele poder olhar a prática dele e dizer: “Não estou contente com isso”. Porque não adianta dizer para ele: “O que você faz é ruim, faça melhor”. Ele nem sabe voltar para a sala de aula e ver o que é que ele pode mudar, ele não tem olhar, ele não vai ter inquietude do que ele faz e dizer: “Puxa, quero fazer diferente”. Se ele não tiver a possibilidade de parar e pensar quem ele é, o que ele acredita, para que ele trabalha, o que é que ele quer fazer com o aluno dele, ele não muda. Não tem saída, tanto que eu abomino e não acredito mais em processo de capacitação, processo, palestras, seminários, isso é conversa para boi dormir, porque o cara vai lá, ouve, dali dois dias você pergunta para ele: “Foi legal?”. “Foi, super!”. “O que você aprendeu?”. Ele fala 10% do que ele ouviu. O que é que traduz isso em prática? Nada! Nada! Só muda quando você acha que alguma coisa te inquieta, que você faz e não está dando certo, e você não está gostando. Senão, você não tem olhos para ver, você vai ser um refém. Agora é Piaget, amanhã é Montessori, tem um tal de Vigotsky que falaram que é legal, a gente inclui. E o cara vai ficar refém disso a vida inteira. É aí que as políticas educacionais são descontinuidades, não tem continuidade porque você não tem a rede, você não tem professores, você não tem uma corporação que com clareza defenda aquilo, porque com governo, sem governo, você faz na sala de aula aquilo que você acredita. Políticas educacionais são detalhes, se você sabe o que você quer, se você tem, você planeja sua ação, você sabe o que você quer, aonde você quer chegar.